



Carta Aware

JUNHO 2023

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Notícias boas ou ruins primeiro?

A boa é que o PIB dos EUA cresceu 2,0% no primeiro trimestre de 2023, de acordo com a terceira estimativa divulgada pelo Departamento de Comércio do país. O resultado ficou acima das expectativas, uma vez que o consenso Refinitiv apontava para alta de 1,4%. O aumento do PIB refletiu principalmente as revisões para cima nas exportações e nos gastos do consumidor, que foram parcialmente compensadas por revisões para baixo no investimento fixo não residencial e nos gastos do governo federal. O índice de preços PCE avançou 0,1% em maio ante abril e na comparação anual a alta foi de 3,8%, desacelerando em relação ao aumento anual de 4,4% no mês anterior e em linha com as estimativas. Já o núcleo do PCE teve crescimento de 0,3% no mês passado ante o anterior, abaixo da projeção de analistas, de 0,4%. O crescimento anual desacelerou de 4,7% no mês passado para 4,6% no mesmo período, abaixo da projeção de 4,7%.

A ruim é que a boa não é tão boa assim, carregando implícita uma teimosa inflação. Ainda que considerada improvável, o presidente do Fed, Jerome Powell, volta a fazer suas ressalvas. "O cenário menos improvável é que encontremos nosso caminho para um melhor equilíbrio sem uma crise realmente severa", disse Powell em um painel na conferência anual do Banco Central Europeu em Sintra, Portugal. Mas também há "uma probabilidade significativa de que haverá uma recessão", disse ele.

De forma complementar, Powell sinalizou ainda, no mínimo, mais duas altas de juros ainda este ano. "A extensão desses efeitos permanece incerta", destacou Powell. "As corridas para sacar dinheiro e falências bancárias em 2023 foram lembretes dolorosos de que não podemos prever todas as tensões que inevitavelmente virão com o tempo e o acaso. Portanto, não devemos nos acomodar com a resiliência do sistema financeiro", completou. Powell ainda ressaltou que o mercado de trabalho continua muito apertado, e que, embora a diferença entre empregos e trabalhadores tenha diminuído, a demanda por mão de obra ainda excede substancialmente a oferta de trabalhadores disponíveis. Com relação à inflação, para ele, "ela permanece bem acima de nossa meta de longo prazo de 2%".

Europa

Em meio às revoltas dentro do contingente militar russo dignas de conspirações e um verdadeiro expurgo sendo feito em território francês, ainda cabe falarmos sobre rumos econômicos, por enquanto.

Na visão do BCE, na voz do economista-chefe Philip Lane, a instituição levará alguns anos para atingir a meta de inflação de 2%, ainda que haja “bom progresso” em 2023. Lane reforçou que o BCE está em uma “fase de ajustes”, em um processo gradual para o controle de preços. “Queremos ter certeza de que não leve tempo demais ou que a inflação fique incorporada indefinidamente”, disse, acrescentando ser um motivo da necessidade de manter a política monetária restritiva por mais tempo. “Teremos um período em que as taxas precisam se manter restritivas para garantir que nenhum choque novo nos afaste dos 2%.”

Já a presidente do banco, Christine Lagarde, prevê a alta de juros já em julho. Lagarde disse também que não pretendia antecipar a decisão de setembro do BCE. A dirigente ressaltou que o banco central reagirá aos indicadores, reunião a reunião. Não passa nos planos do BCE uma “pausa” no aperto monetário nesse momento, “ainda há terreno a cobrir”.

No propulsor econômico do continente, vacas magras e indústrias paradas. Mas os preços no mercado voltaram a subir. O CPI da Alemanha deve fechar o mês de junho em alta de 6,4% em termos anualizados, ante inflação de 6,1% em maio, de acordo com estimativa divulgada pelo Destatis, o departamento de estatísticas do país. A variação mensal do índice deve ficar em 0,3%. Em junho de 2023, os preços dos alimentos continuaram a apresentar um crescimento acima da média (+13,7%) face ao mesmo mês do ano anterior, enquanto os preços de energia devem subir 3%. Já a inflação de serviços ficará em 5,3% em termos anualizados, mostrando uma aceleração ante os 4,5% observados em maio.

Pulso firme e muito lentamente os resultados começam a dar sinais promissores aos britânicos. O PIB do Reino Unido cresceu 0,1% no primeiro trimestre de 2023 ante o trimestre anterior, de acordo com a segunda prévia das contas nacionais divulgada hoje pelo ONS, o escritório nacional de estatísticas. O dado ficou inalterado em relação à primeira estimativa e em linha com as projeções do consenso Refinitiv.

Na decisão sobre os juros, o BoE surpreendeu e elevou a taxa em 0,5 ponto percentual, acima dos 4,75% previstos. A subida acima do esperado reflete a apreensão das autoridades frente à inflação resiliente apresentada. Houve notícias significativas de alta em dados recentes que indicam mais persistência no processo de inflação”, disse o comitê. “Efeitos de segunda ordem na evolução dos preços domésticos e salários gerados por choques de custos externos provavelmente levarão mais tempo para se dissipar”, acrescentou.

Ásia

China

Se arrastando com botas de chumbo. Essa é a definição da retomada econômica chinesa.

A atividade industrial na China contraiu pelo terceiro mês consecutivo e outros setores continuam derrapando. A expectativa dos mercados é cada vez mais alta por um maior estímulo governamental à economia.

E o BC já cedeu nos juros, ainda que aquém das expectativas. O Banco do Povo da China decidiu reduzir suas principais taxas de juros. A instituição informou que a taxa de juros de referência para empréstimos (LPR) de 1 ano caiu de 3,65% para 3,55%. A taxa para empréstimos de 5 anos – pela qual muitos credores baseiam suas taxas de hipotecas – também foi cortada em 10 pontos-base, de 4,30% para 4,20%. O corte já era aguardado porque o PBoC já havia cortado sua taxa de juros MLF de um ano de 2,75% para 2,65%, em meio a esforços para fortalecer o ajuste anticíclico e estabilizar as expectativas do mercado. Junto disso, foi anunciado um corte nas taxas de juros de sua linha de crédito permanente, com a taxa overnight caindo 10 pontos-base, para 2,75%. Zeng Gang, diretor da Instituição de Finanças e Desenvolvimento de Xangai, disse à agência de notícias Xinhua que os cortes de juros reduzirão efetivamente as taxas reais dos empréstimos e os custos de financiamento, estimulando a demanda por crédito e fortalecendo o ímpeto de crescimento do consumo interno e dos investimentos.

Internamente, o governo prega otimismo, visando acalmar os ânimos. O primeiro-ministro da China, Li Qiang, adotou um tom confiante ao falar sobre o crescimento do país e criticou o conceito de risco econômico do Ocidente ao discursar na abertura de uma reunião do Fórum Econômico Mundial conhecida como Summer Davos, em Tianjin. Li disse que o crescimento do PIB da China no segundo trimestre provavelmente ultrapassará os primeiros três meses do ano, e que a segunda maior economia do mundo continua no caminho certo para atingir a meta de crescimento anual de cerca de 5%.

Índia

Nada de novo em Nova Delhi.

Poderia ser uma anedota, mas simplesmente é a manutenção de juros pelo BC indiano.

O Comitê de Política Monetária do Banco Central da Índia decidiu por unanimidade manter sua taxa básica de juros em 6,50%. O comitê também decidiu, com o voto de cinco de seus seis membros, continuar concentrado em retirar acomodação, “para garantir que a inflação progressivamente se alinhe com a meta, enquanto apoia o crescimento”. Na Índia, o índice de preços ao consumidor desacelerou em abril, entrando na “banda de tolerância”, diz o BC. Mas o índice cheio da inflação continua acima da meta, ressalta. A inflação desacelerou para alta de 4,7% em abril, a leitura mais fraca desde novembro de 2021. A meta do BC indiano é de inflação em 4% ao ano, e ele ressalta que fará “o que for necessário” para cumprir essa diretriz.

Ásia

Japão

No arquipélago nipônico, a estratégia de manter inalteradas suas taxas de juro podem estar com dias contados. Mas não hoje.

Com uma recuperação em 2023 notável, a economia japonesa ainda historicamente sofre com à falta de pujança, uma anemia consumista. O PMI composto do Japão mostrou recuou de 54,3 em maio para 52,3 em junho, de acordo com dados preliminares e com ajustes sazonais divulgados em parceria com o Jibun Bank. O PMI de serviços caiu de um patamar recorde de 55,9 atingido em maio para 54,2 em junho, sinalizando a recuperação mais suave da atividade em quatro meses, mas ainda forte no geral. Enquanto isso, os dados de preços mostraram um novo aumento acentuado nos custos médios de insumos, apesar da taxa de a inflação ter caído para uma mínima de 15 meses.

Contudo, para 2024, o presidente do BoJ, Kazuo Ueda, disse que o banco central terá boas razões para mudar a política monetária se ficar "razoavelmente certo" de que a inflação acelerará após um período de moderação. O BOJ espera que a inflação desacelere "por um tempo" devido ao efeito cada vez menor de aumentos anteriores de preços das importações, antes de se recuperar novamente em 2024, disse Ueda em um seminário organizado pelo Banco Central Europeu. "Mas estamos menos confiantes sobre a segunda parte", disse ele, destacando incertezas sobre se a inflação voltará a acelerar após um período de moderação. O crescimento dos salários também é um fator importante para avaliar as perspectivas para a inflação, disse ele, acrescentando que os salários precisam subir bem acima de 2% de forma consistente para que a inflação atinja esse nível de forma estável.

América Latina

Argentina

De ministro renegado pela ideologia política dominante a candidato à presidência com apoio dos mesmos líderes e seguidores que o desprezavam. Poderia ser a história de um filme, mas não ineditamente é mais uma reviravolta louca do cenário político argentino.

Sergio Massa, o homem que estabiliza a inflação em míseros 114%, se viu diante de uma cartada final para disputar as próximas eleições: ou ameaçar abandonar todo o trabalho já feito ou aceitar que o kirchnerismo e o peronismo o devorariam. Como as outras opções não são das mais atraentes (vulgo Milei e seu anarco-capitalismo), é o que há para hoje, e Cristina Kirchner, que elegeu Alberto Fernández e cortou relações com o mesmo, sucumbiu a pressão generalizada e aceitou Massa como candidato. Impressionante, para não dizer chocante, como Cristina ainda é a principal voz política e dona da palavra final quando se trata dos bastidores do Executivo argentino.

Dito isso, vale a pena mencionar de forma geral o cenário miserável em que a economia hermana se encontra. A Argentina está sem dólares, situação agravada por uma seca brutal que reduz os ingressos das exportações agrícolas. Sem acesso a mercados internacionais de dívida, o país busca a antecipação dos desembolsos deste ano do programa de crédito de US\$ 44 bilhões junto ao FMI. “O que significa ir ao FMI? Significa assumir metas, ceder tua autonomia para fazer se amarrar a um programa. Uma obsessão que o próximo presidente deve ter é pagar ao FMI, e não voltar a recorrer a ele”, disse Massa, segundo o La Nación. O desequilíbrio macroeconômico da Argentina se agravou no último mês e o país caminha para ter o pior junho desde 2018, com uma inflação anual acima de 114% e com as reservas do Banco Central negativas em quase US\$ 3 bilhões - e ainda tendo de pagar amanhã US\$ 2,7 bilhões ao FMI.

Em meio a tudo isso, tomou-se a brilhante decisão de manter a taxa de juros nominal das Letras de Liquidez (Leliq) em 28 dias em 97% ao ano. O BCRA diz que em maio a inflação mensal desacelerou, “em linha com as previsões da autoridade monetária”. Ele afirma também que os diversos indicadores de alta frequência de preços no atacado e no varejo monitorados pelo BC “sugerem, até agora em junho, uma desaceleração adicional no ritmo de crescimento dos preços”.

México

Marasmo para os chicanos.

O Banxico manteve a taxa básica de juros em 11,25% ao ano, em decisão unânime. A autoridade monetária repetiu o comentário da última reunião de que pretende manter a taxa de juros por “período prolongado” até que a taxa de inflação volte à meta de 3%. A previsão agora é que a inflação volte à meta no final de 2024.

América Latina

Chile

Diferentemente dos vizinhos, os chilenos sob gestão Boric parecem voltar ao prumo.

O BC chileno decidiu manter a taxa de juros inalterada pela quinta reunião consecutiva, em 11,25%. Em seu comunicado, a autoridade monetária indica que pode diminuir o aperto monetário nos próximos encontros, alegando que a "evolução mais recente da economia" sinaliza o retorno da inflação à meta do banco central. "Se essas tendências continuarem, a taxa da política monetária chilena iniciará um processo de redução no curto prazo", avalia o Conselho, em nota. Contudo, o BC do Chile destaca que, por mais que a inflação venha caindo, seu núcleo ainda regride lentamente e a perspectiva de crescimento global segue fraca. Este cenário contribuiu para a decisão de manter a política monetária mais restritiva neste mês, enquanto os mercados financeiros locais se alinham à expectativa de redução do aperto. O comunicado nota, por exemplo, a queda nas taxas de curto prazo e crédito bancário ainda limitado.

Ainda tratando de decisões do BC, foi anunciado um programa de reposição a ampliação das reservas internacionais por um total de US\$ 10 bilhões para fortalecer a posição de liquidez do país, como também contribuir para o processo de recuperação econômica. Segundo o BC chileno, o programa se estenderá por 12 meses, mediante compras regulares de US\$ 40 milhões diários. "Os efeitos monetários dessa medida serão esterilizados por meio de emissões de PDBC condizentes com a orientação da política monetária."

Brasil

E no Brasil, vivemos um mar de rosas... Acredite quem quiser, mas o cenário macroeconômico veio novamente favorável e não para de nos surpreender. O mês foi seguido pela diminuição das projeções de inflação, com quadro melhorado e crescimento da economia surpreendendo positivamente desde o início do ano. E para melhorar, nossa Bolsa disparou!

Para iniciar, Roberto Campos Neto, na ata do Copom, disse que o mercado estava certo em prever o corte de juros em agosto. A Ata do Copom revelou divergências entre os membros do comitê sobre os próximos passos da política monetária do Brasil. Embora haja consenso para uma inflexão parcimoniosa na próxima reunião, um grupo mais conservador ressaltou a necessidade de cautela devido à volatilidade dos núcleos inflacionários. O comitê enfatizou que as decisões futuras dependerão da evolução da inflação, das expectativas, das projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos. A Ata também discutiu os impactos do cenário fiscal, destacando os desafios para o cumprimento das metas fiscais e enfatizando a importância da reancoragem das expectativas e da confiança nas metas de inflação para facilitar um processo de desinflação mais rápido e menos custoso.

O Conselho Monetário Nacional (CMN) manteve a meta da inflação em 3% para 2026, apesar das críticas do presidente da República e membros de seu partido, alterando porém o modelo da meta-inflação, que abandona o ano calendário e torna-se uma meta contínua, com horizonte de 2 anos. A mudança foi vista como um sinal de um amadurecimento do regime de metas de inflação e abre espaço para cortes de juros. A mudança no horizonte relevante também foi vista como um compromisso do Brasil com um ambiente de baixa inflação no longo prazo. Esperamos que a definição da meta e a adoção do modelo contínuo ajudem a reduzir as expectativas de inflação, devolvendo credibilidade à política monetária. No entanto, ainda existem incertezas em relação ao cumprimento total da meta de 3% e ao impacto do risco fiscal na inflação.

A taxa média de desemprego no Brasil caiu para 8,3%, no trimestre encerrado em maio, a menor para esse mês desde 2015, de acordo com o IBGE e abaixo do consenso. A população desocupada registrou uma queda de 3,0%, chegando a 8,9 milhões de pessoas, enquanto a população ocupada se manteve estável. Houve variações nas atividades econômicas, com destaque para a queda na agricultura e o crescimento na administração pública e nos serviços sociais.

No mês, vimos também o Banco Central divulgar o Relatório Trimestral de Inflação, revelando projeções e revisões importantes para a economia brasileira. No que diz respeito à inflação, o Banco Central prevê deflação de 0,08% em junho, seguida de aumentos nos meses seguintes. A estimativa é de uma inflação de 5,38% nos 12 meses até setembro. Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB), o Banco Central revisou sua projeção para 2023, aumentando de 1,2% para 2%. Essa revisão reflete surpresas positivas em algumas atividades da indústria, do setor de serviços e da agricultura no primeiro trimestre. Apesar disso, o relatório destaca um cenário prospectivo de desaceleração da atividade econômica devido ao crescimento global mais lento e aos impactos cumulativos da política monetária doméstica.

(./...)

Brasil

(.../.)

O Banco Central também destacou que há fatores de risco para as projeções, tanto domésticos quanto externos. No âmbito doméstico, uma possível desaceleração na concessão de crédito e incertezas relacionadas à situação fiscal são mencionadas como riscos para o crescimento econômico. No cenário global, a persistência de pressões inflacionárias nos países centrais, a recuperação da economia chinesa e os ajustes no setor imobiliário são apontados como possíveis desdobramentos que podem afetar a economia brasileira. Apesar desses riscos, o Banco Central ressalta que o avanço na criação do novo regime fiscal reduziu a incerteza associada a cenários extremos de crescimento da dívida pública.

Ademais, o IGP-M, apresentou mais uma deflação histórica. O índice fechou o mês com queda de 1,93%, a maior deflação da história, pelo terceiro mês consecutivo, causado principalmente pela queda no preço dos atacados. Preço dos combustíveis, milho e bovino também contribuíram para queda.

Na perspectiva geral, os ativos locais tiveram um bom desempenho em junho devido a três fatores positivos de curto prazo: a distensão no cenário global que favorece os ativos de países emergentes, as revisões para cima nas perspectivas de crescimento econômico em 2023 devido a uma safra agrícola recorde, reformas implementadas e setor de serviços impulsionados pelo mercado de trabalho, e as surpresas baixistas na inflação que levaram a revisões nas projeções e à perspectiva de cortes de juros antecipados. Apesar do arcabouço fiscal frágil, a manutenção das metas de inflação pelo CMN contribuiu para um cenário positivo. Espera-se que esse momento positivo continue nos próximos três meses, impulsionado por ventos externos favoráveis, menor inflação, maior crescimento esperado e o início do ciclo de queda da taxa Selic.

Seguimos com uma certa cautela em Brasil, visto que o PIB não deve manter o mesmo momento observado no primeiro semestre. E talvez, mais importante, com essa desaceleração e maior proximidade de mudança na liderança do banco central, fantasmas fiscais e inflacionários podem voltar a assombrar nossa economia. Aguardamos os próximos capítulos...

Juros & Câmbio

Nos últimos dois meses, no G10, observamos surpresas positivas de crescimento, mercados de trabalho fortes, surpreendendo os analistas nessa altura do ciclo, e inflação mais forte do que o esperado no início deste ano.

Nesse cenário, os Bancos Centrais dos EUA, Europa e outras economias mais relevantes, indicaram que novas altas adicionais podem ser necessárias no segundo semestre, visando atingir as metas, no médio prazo.

Nos EUA, o FOMC optou pela pausa no ciclo de alta de juros, mantendo a taxa entre o intervalo de 5% e 5,25%, marcando a primeira reunião desde março de 2022 em que não ocorreu um aumento da taxa básica de juros.

No comunicado, importante registrar que o Comitê manteve seu compromisso de continuar reduzindo sua participação nos títulos do Tesouro, movimento conhecido por *Quantitative Tightening*.

No Brasil, o Copom optou pela manutenção da Selic em 13,75%, mais uma vez, apesar de toda a pressão realizada pelo Governo para redução da taxa.

Ao longo do mês, o IPCA de maio foi divulgado, atingindo apenas 0,23%, bem abaixo do consenso de mercado de 0,33%. Avaliamos o número como positivo, principalmente, quando levamos em consideração as medidas de serviços e núcleo que voltaram ao campo da desinflação.

Com dados de inflação favoráveis, destacamos o trecho da ata que trouxe ao público uma "avaliação predominante... que a continuação do processo desinflacionário em curso,..., pode... iniciar um processo parcimonioso de inflexão na próxima reunião."

Sobre o câmbio, o DXY, que mede a força da moeda frente outras divisas desenvolvidas, observamos recuo de 1,36%. No ano, o desempenho do índice é de -0,59%.

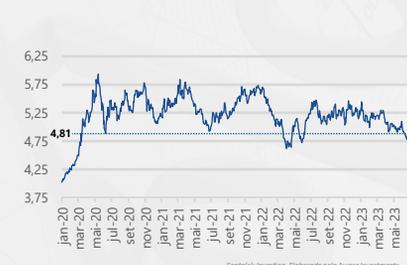
Em relação ao real, o dólar comercial registrou baixa de 5,92%, impulsionado pelo movimento de *risk on*, após surpresas nos dados de inflação.

Por fim, o bitcoin registrou alta de 11,94%, contribuindo para alta superior a 80% desde o início do ano.

Moedas

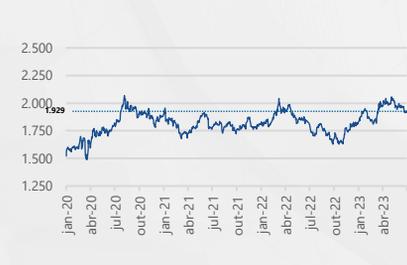
| | | |
|------------|------|---------|
| Dólar | 4,82 | -5,43% |
| Euro | 5,22 | -3,40% |
| Libra | 6,08 | -3,34% |
| Yuan | 0,66 | -7,21% |
| lene | 0,03 | -8,72% |
| Lira Turca | 0,18 | -24,43% |

Evolução Dólar



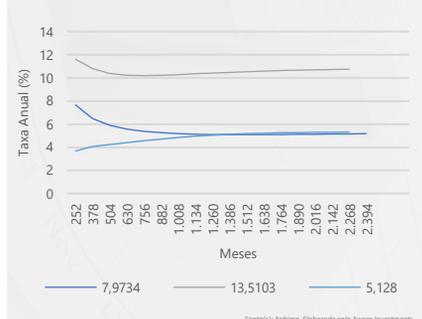
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Em junho, o Ibovespa registrou ganhos expressivos, em alta de 9%, aos 118k pontos. Após o resultado, o índice registrou ganhos de 7,6% ao longo do primeiro semestre de 2023.

Após um início de ano decepcionante, repleto de incertezas, observamos uma reversão do cenário, marcado pela: i) melhora das perspectivas econômicas; ii) diminuição de riscos políticos e fiscais; e iii) melhora nos indicadores de inflação. Dessa forma, as perspectivas de juros reduziram consideravelmente, acarretando na performance observada no mercado de renda variável doméstico.

Quando analisamos a performance do Ibovespa em dólares, a valorização é ainda mais expressiva, acumulando ganhos de 18,7%, desde o início do ano, número que contribui para que o país seja o 3º melhor mercado na região, atrás apenas de Argentina e México.

Após retirada expressiva de capital da B3 por parte dos investidores estrangeiros em maio, no mês de julho, observamos o movimento contrário, com ingresso de R\$ 10,14 bilhões. Desde o início do ano, o saldo é positivo em R\$ 19,67 bilhões.

Nos EUA, os investidores também respiraram aliviados pelo sentimento de *risk on*, após o mercado passar a precificar uma menor probabilidade de recessão. Nesse cenário, o S&P 500 registrou ganhos de 6,5%. Com menor probabilidade de recessão, foram os setores de Consumo Discricionário (+12%), Indústria (+11,2%) e Materiais Básicos (+10,8%) que se destacaram. Ainda em território norte-americano, registramos a performance dos papéis ligados a tecnologia, com o Nasdaq se valorizando 6,6%.

Na Europa, mais uma vez, o sentimento de *risk on* foi mais comedido que nos EUA e emergentes, devido não só a guerra ainda em curso, como também a uma percepção de que o ciclo de juros permanece atrás do resto do globo. Nesse cenário, o Euro Stoxx registrou ganhos de 4,3%.

Na Ásia, o grande destaque foi para o Nikkei, principal índice da Terra do Sol Nascente, em alta de 7,45%. Esse desempenho pode ser justificado pela combinação de uma reforma estrutural no mercado acionário e juros baixos, levando o índice a uma alta de 27% desde o início do ano, aos 33 mil pontos, maior patamar das últimas 3 décadas. Na China, destaque positivo para as bolsas de Hong Kong e Shenzhen, em altas de 3,74% e 2,16%, respectivamente. Em Shanghai, observamos recuo de 0,08%.

Índices

| | | |
|---------------|------------|--------|
| Ibovespa | 118.087,00 | 9,00% |
| S&P 500 | 4.450,38 | 6,47% |
| Nasdaq | 13.787,92 | 6,59% |
| Euro Stoxx 50 | 4.399,09 | 4,29% |
| Shanghai | 3.202,06 | -0,08% |

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

Perspectivas

Novamente, nossas previsões mencionadas na última Carta do Gestor revelaram-se acuradas em relação à renda fixa, renda variável e câmbio. A aprovação final do arcabouço fiscal tende a intensificar ainda mais o sentimento otimista que tem prevalecido nas expectativas do mercado. Embora o Comitê de Política Monetária (COPOM) tenha mantido a taxa SELIC em 13,75% ao ano e adotado uma postura mais hawkish em seu comunicado, a Ata da reunião apresentou um tom mais moderado, e abriu margem para interpretação de que a atual política monetária restritiva não será mantida por um período prolongado. Essa tese, foi reforçada pelo recente anúncio do Conselho Monetário Nacional (CMN) que confirmou que a meta de inflação será de 3%, com limite de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo, pelos próximos três anos, e confirmou os planos de substituição do ano-calendário por uma meta contínua. A princípio, o novo modelo começa a valer a partir de 2025.

Seguindo essas premissas, é provável que continuemos a observar um desempenho favorável dos títulos de renda fixa pré-fixados e indexados à inflação, especialmente os de prazos mais longos, devido ao fechamento da curva de juros futuros. A valorização do Real ainda é uma tendência de curto prazo, muito impulsionada pela revisão do rating soberano brasileiro pela Standard and Poor's (S&P), e a atual taxa real de juros praticada no país. Investidores estrangeiros tendem a aumentar suas posições em busca de oportunidades atrativas proporcionadas pelo alto juro real. O mercado acionário refletirá o impacto fiscal resultante da aprovação do arcabouço, e acreditamos que o provável desfecho positivo manterá a tendência de alta do índice Ibovespa nos próximos meses.

No que diz respeito aos Estados Unidos, o cenário é mais incerto. Nossas previsões de uma abertura da curva nos prazos mais curtos foram confirmadas, afetando a renda fixa. As recentes declarações do presidente do Federal Reserve (FED), Jerome Powell, indicam que há uma forte possibilidade de um novo ajuste na taxa de juros americana. A inflação ainda está distante da meta e os EUA estão apreensivos em elevar as taxas de juros, receosos de provocar uma recessão. Se isso de fato ocorrer, veremos novamente uma abertura da curva nos prazos mais curtos, impactando a renda fixa no curto prazo.

Na Europa, também em consonância com nossas expectativas, o aumento das taxas de juros foi um sinal claro de que o objetivo continua sendo o controle da inflação. Nesse ambiente, o aperto monetário deve prosseguir até que o Banco Central Europeu (BCE) consiga levar a inflação a convergir para a meta. Se tudo transcorrer normalmente, as bolsas de valores e os ativos de renda fixa terão um desempenho satisfatório.

Já na Ásia, o cenário se mostrou um pouco mais complexo. O corte de juros, que ficou bem aquém das expectativas, indicou ao mercado que talvez os chineses não estejam buscando impulsionar a economia como se imaginava. Os efeitos podem se refletir em diversos países, principalmente aqueles que possuem laços comerciais mais estreitos. Uma demanda chinesa mais restrita pode levar à queda dos preços das commodities, afetando especialmente os países emergentes.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

São Paulo • Rio de Janeiro • Belém • Belo Horizonte • Lisboa • Geneva

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com